

COMPREENDER EM VEZ DE FUNDAMENTAR – A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER

Ernilo Stein*

O filósofo Hans-Georg Gadamer, que será conhecido como o autor de *Verdade e método - Esboços de uma hermenêutica filosófica*, morreu aos 102 anos de idade, no dia 13 de março, 42 anos após a publicação de sua obra prima. O subtítulo do livro não agradou ao editor por ser pouco inspirado; teria que ser precedido pelo título propriamente dito *Compreender e acontecer*. Depois se encontrou o título que faria fortuna, *Verdade e método*.

Durante décadas, a obra concentraria a discussão filosófica na Alemanha. Ela, primeiro, foi recebida como uma contraposição às ciências do espírito que interpretaram mal a palavra "compreender" como método. O livro tinha por objetivo apresentar o compreender do intérprete, como fazendo parte de um acontecer que decorre do próprio texto que precisa de interpretação. O que estava em jogo era o fato de que as ciências históricas do espírito tinham estremecido a confiança da filosofia numa razão que perpassa a história. Gadamer tinha compreendido a nova tematização do "tempo" em *Ser e tempo*, de Heidegger: se o tempo é o horizonte de toda compreensão, todas as teorias devem converter-se inelutavelmente em formações históricas, e isso afetara o núcleo da razão.

Gadamer percebera, pelos seus estudos dos gregos, da filosofia clássica alemã e da fenomenologia, que a tradição não podia mais apoiar-se, num sentido filosófico relevante, nas interpretações metafísicas da razão. O diagnóstico da perda da possibilidade de um compromisso possível de nossas orientações fundamentais para a vida numa tal tradição, leva Gadamer a introduzir a perspectiva hermenêutica. Temos, assim, segundo o filósofo, para substituir nosso apoio na metafísica, a perspectiva de os próprios participantes se empenharem na apropriação viva de tradições que os determinam. O ser humano esclarecido só tinha, como partici-

* Professor de Filosofia da PUCRS.

pante da tradição, uma interpretação das próprias condições históricas que vindas da tradição o determinam.

É assim que Gadamer se volta para o trabalho de encontrar o caminho para a consciência histórica, numa apropriação da tradição que preserve para essa a força do compromisso. Esse caminho a hermenêutica filosófica explora na crítica da falsa autocompreensão metodológica das ciências do espírito. O filósofo pretende salvar a substância da tradição através de uma apropriação hermenêutica. É assim que a filosofia hermenêutica de Gadamer encontra na força civilizatória da tradição a autoridade de uma razão diluída do ponto de vista da história efetual. Gadamer, portanto, não traz de volta a metafísica, nem mesmo uma ontologia salvadora; o que lhe importa é mostrar como a razão deve ser recuperada na historicidade do sentido, e essa tarefa se constitui na autocompreensão que o ser humano alcança como participante e intérprete da tradição histórica.

Se nós formos limitar a indicação dos motivos determinantes que estão presentes num tal estilo de pensamento, poderíamos encontrar as seguintes etapas: o diálogo e a dialética em Platão, a hermenêutica e o diálogo, a arte como paradigma da experiência hermenêutica, o estabelecimento das tarefas de uma hermenêutica filosófica e a universalidade da experiência hermenêutica e por fim a aplicação como momento do compreender, a hermenêutica como filosofia prática.

Gadamer afirma, na introdução de seu livro, o seguinte: "As análises que se-guem começam (por isso) como uma crítica da experiência estética, para defender a experiência de verdade que nos é dada pela obra de arte, contra a teoria estética que se deixa estreitar pelo conceito de verdade da ciência. As análises, entretanto, não param na justificação da verdade da arte. Elas procuram antes desenvolver, desde esse ponto de partida, um conceito de conhecimento e de verdade que corresponde ao todo de nossa experiência hermenêutica. Assim como temos que nos haver, na experiência da arte, com verdades que ultrapassam basicamente a esfera do conhecimento metódico, do mesmo modo algo semelhante vale para o todo das ciências do espírito, nos quais nossa tradição histórica é transformada também em *objeto* da pesquisa, em todas as suas formas, mas ao mesmo tempo ela mesma passa a *falar em sua verdade*. A experiência da tradição histórica ultrapassa fundamentalmente aquilo que nela é pesquisável. Ela não apenas é verdadeira e não-verdadeira, no sentido sobre o qual decide a crítica histórica – ela medeia constantemente verdade na qual importa *tomar parte*" (WuM, XV).

Portanto, *Verdade e método* fala-nos de um acontecer da verdade no qual já sempre estamos embarcados pela tradição. Gadamer vê a possibilidade de explicitar fenomenologicamente esse acontecer em três esferas da tradição: o acontecer na obra de arte, o acontecer na história e o acontecer na linguagem. A hermenêutica que cuida dessa verdade não se submete a regras metódicas das ciências humanas, por isso ela é chamada de hermenêutica filosófica. É desse modo que Gadamer inaugura um lugar para a atividade da razão, fora das disciplinas da filosofia clássica e num contexto em que a metafísica foi superada.

Mas apesar de a hermenêutica filosófica desenvolver-se numa perspectiva crítica da metafísica, ela apresenta uma pretensão de universalidade. Mas tal univer-

salidade assume uma forma não dogmática, restando-lhe, portanto, uma universalidade que se move muito próxima da universalidade da crítica. Habermas foi um dos primeiros a ser tocado pela pretensão de universalidade da hermenêutica. Reconhece-lhe assim algumas características importantes: a) a hermenêutica é capaz de descrever as estruturas da reconstituição da comunicação perturbada; b) a hermenêutica está necessariamente referida à práxis; c) a hermenêutica destrói a auto-suficiência das ciências do espírito assim como em geral elas se apresentam; d) a hermenêutica tem importância para as ciências sociais, na medida em que demonstra que o domínio objetivo delas está pré-estruturado pela tradição e que elas mesmas, bem como o sujeito que compreende, têm seu lugar histórico determinado; e) a consciência hermenêutica atinge, fere e revela os limites da auto-suficiência das ciências naturais, ainda que não possa questionar a metodologia de que elas fazem uso; f) finalmente, hoje uma esfera de interpretação alcançou atualidade social e exige, como nenhuma outra, a consciência hermenêutica, a saber, a tradução de informações científicas relevantes para a linguagem do mundo da vida social.

Ainda que as observações de Habermas reconheçam aspectos da universalidade da hermenêutica filosófica, ele o faz, em contraste, com a pretensão de universalidade da crítica com a qual ele pretende atingir campos onde a hermenêutica filosófica não saberia trabalhar. Não é só por parte de Habermas que se ouvem essas críticas à hermenêutica filosófica, ela também é objeto de crítica da filosofia analítica. Essa vê na historicidade da linguagem e na pré-compreensão como condição de qualquer discurso uma falta de recursos para examinar as pretensões de validade dos textos que são interpretados (Tugendhat). Na medida em que a hermenêutica filosófica trabalha com o sentido, a analítica reduz a linguagem à unidade mínima que é o significado. Mas espíritos mais conciliadores se contentam com as afirmações de que a hermenêutica sem a filosofia analítica é cega e a filosofia analítica sem a hermenêutica é vazia.

Gadamer deu-nos, com sua hermenêutica filosófica, uma lição nova e definitiva: uma coisa é estabelecer uma práxis de interpretação opaca como princípio, e outra coisa, bem diferente, é inserir a interpretação num contexto, ou de caráter existencial, ou com as características do acontecer da tradição na história do ser, onde interpretar permite ser compreendido progressivamente como uma autocompreensão de quem interpreta. E de outro lado, a hermenêutica filosófica nos ensina que o ser não pode ser compreendido em sua totalidade, não podendo, assim haver uma pretensão de totalidade da interpretação. O filósofo produziu realmente um virada hermenêutica do texto para a autocompreensão do intérprete que como tal autocompreensão somente se forma na interpretação, não sendo, portanto, possível descrever o interpretar como produção de um sujeito soberano.

Para encerrar essas considerações, convém ouvir o filósofo falando de sua talvez mais surpreendente afirmação: "Ser que pode ser compreendido é linguagem" (*Wahrheit und Methode*, p. 450). "É assim que sempre me esforcei, da minha parte, para guardar para o espírito o limite imposto a toda experiência hermenêutica do sentido. Quando eu escrevia: 'O ser acessível a compreensão é linguagem',

importava ver, nessa fórmula, que o que é não pode jamais ser compreendido em sua totalidade. Em tudo o que uma linguagem desencadeia consigo mesma, ela remete sempre para além do enunciado como tal" (*Revue internationale de philosophie*, n. 151, p. 333-334).